



DE VIOLETT-LE-DUC À CARTA DE VENEZA  
TEORIA E PRÁTICA DO RESTAURO NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

DE VIOLETT-LE-DUC A LA CARTA DE VENEZIA  
TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA RESTAURACIÓN EN EL ESPACIO IBEROAMERICANO

ARTIS  
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE ARTES  
E HISTÓRIA DE LISBOA  
COORDENADO POR LUCIANO

LNEC  
LABORATÓRIO NACIONAL  
DE ENGENHARIA CIVIL

CONGRESSO LISBOA | LNEC 20-21 NOVEMBRO 2014

## Conhecimento científico e conhecimento tradicional: que articulações possíveis no campo da conservação do património cultural?

**Marluci Menezes**

*Doutora em Antropologia, Investigadora, Laboratório Nacional de Engenharia Civil-  
LNEC, Lisboa, Portugal, [marluci@lnecc.pt](mailto:marluci@lnecc.pt)*

**Maria do Rosário Veiga**

*Doutora em Engenharia Civil, Investigadora, Laboratório Nacional de Engenharia Civil-  
LNEC, Lisboa, Portugal, [rveiga@lnecc.pt](mailto:rveiga@lnecc.pt)*

*RESUMO: O conhecimento científico é essencial para a definição de critérios de compatibilidade e para uma adequada seleção dos novos materiais a utilizar nos processos de conservação, reparação e consolidação do património. Mas, a carência de informação sobre as ferramentas, materiais e técnicas tradicionais utilizadas nos edifícios originais, desafia-nos a aprender mais sobre o conhecimento tradicional para, entre outros aspetos, estabelecer uma referência, a partir da qual possam ser definidos os critérios de compatibilidade. No delineiar de um adequado processo de conservação e intervenção importa fortalecer a relação entre conhecimentos. Identifica-se e discute-se o interesse em trabalhar com esta relação.*

*PALAVRAS-CHAVE: conhecimento científico e tradicional, conservação, património.*

## PATRIMÓNIO E CONHECIMENTO: NOTA INTRODUTÓRIA

A adoção de critérios de atuação, bem como o uso adequado de materiais e de técnicas apropriadas são cruciais para a conservação do património cultural, em específico, o património arquitetónico. Daí que, tomando como exemplo o caso das tecnologias e materiais utilizados em edifícios históricos, poder-se cientificamente considerar como fundamental o respeito pelos critérios de reversibilidade e de compatibilidade com os materiais pré-existentes, dentre outros aspetos. No respeito por estes critérios têm-se realizado estudos aprofundados sobre os aspetos construtivos e as técnicas utilizadas na composição desses elementos, o que tem viabilizado um significativo avanço no campo técnico-científico do conhecimento, a par dos expressivos contributos no âmbito da conservação do património. Todavia, muito ainda resta por conhecer acerca dos materiais e tecnologias construtivas, designadamente num quadro patrimonial, em que muitos dos edifícios históricos exibem uma variedade de elementos e tecnologias tradicionais. Interessa, assim, recuperar os elementos da memória técnica tradicional o que, em si, equivale a uma conduta em prol da salvaguarda do património imaterial, onde também se enquadra o ato de recuperar a memória do saber-fazer relacionada com as técnicas. E mais: a recuperação da memória técnica tradicional permite reconstituir processos de recolha de materiais, nomes e



funções de ferramentas, de preparação e aplicação de materiais, entre outros aspetos. Mas, entre saber científico e saber tradicional existem muitas diferenças, ainda que ambos sejam “formas de procurar entender e agir sobre o mundo”, sendo “obras abertas, inacabadas, sempre se fazendo” [1]. São, na verdade, complementares e, mais do que isso, devem ser sinérgicos. Pelo que, no campo da conservação do património, mais do que centrar a atenção nas diferenças entre conhecimento científico e conhecimento tradicional, interessa investigar as articulações existentes entre ambos. De modo a melhor contribuir-se para a conservação do património, interessa, sobretudo, identificar o que a ciência tradicional tem a dizer ao conhecimento técnico-científico.

A partir de um ponto de vista teórico-metodológico, ainda que recorrendo a alguns casos estudados, propõe-se nesta reflexão explorar algumas das especificidades e potenciais pontes entre estes dois tipos de conhecimento. Tendo presente o campo da conservação do património, o objetivo é apresentar e comentar determinados aspetos que suscitam o interesse em identificarem-se as relações entre conhecimento técnico-científico e conhecimento técnico-tradicional. Parte-se do princípio de que o conhecimento científico é essencial para a definição de critérios de compatibilidade e para a uma adequada seleção dos novos materiais a utilizar nos processos de conservação e, em particular, de reparação e consolidação do património arquitetónico. Mas, a carência de informação sobre as ferramentas, os materiais e as técnicas tradicionais de execução utilizadas nos edifícios originais, coloca-nos perante a necessidade de aprender mais sobre o conhecimento tradicional. Tal condição, por exemplo, é importante para aprofundar o conhecimento do objeto edificado original e para se estabelecer uma referência, a partir da qual se possam definir os critérios de compatibilidade. Com efeito, as técnicas físico-químicas de análise permitem conhecer a constituição atual de um elemento construtivo, mas não a sua constituição original: o que se obtém nas análises é o objeto atual, alterado pelos processos decorrentes da ação do tempo, do clima e da ação humana. Essas técnicas científicas, também, não identificam inteiramente as técnicas de execução, antes permitem avaliar a possibilidade de terem sido usadas determinadas técnicas. O conhecimento, à partida dos materiais e técnicas habitualmente usados, permite iniciar um processo iterativo de experimentação, verificação e aperfeiçoamento dos materiais de restauro, designado por alguns autores de “engenharia inversa” [2].

Considera-se, assim, que no delinear de um adequado processo de conservação é fundamental fortalecer a relação entre conhecimentos – científico e tradicional.

## **DISSEMELHANÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE CULTURAS DE CONHECIMENTO**

O senso comum tende a considerar que uma das principais diferenças entre estas duas formas de conhecimento – científico e tradicional – reside na ideia de que o conhecimento tradicional, transmitido ao longo de gerações e utilizado pelos grupos sociais, é imutável, não introduz inovação e não abarca procedimentos lógicos de investigação. Todavia, tais considerações não correspondem a realidade, já que um tipo de saber, bem como o outro, realizam operações lógicas e racionais, inovam e executam procedimentos investigativos.



# DE VIOLET-LE-DUC À CARTA DE VENEZA

TEORIA E PRÁTICA DO RESTAURO NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

# DE VIOLET-LE-DUC A LA CARTA DE VENECIA

TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA RESTAURACIÓN EN EL ESPACIO IBEROAMERICANO

ARTIS INSTITUTO DE HISTÓRIA DE ARTE  
SECRETARIA DE CULTURA  
GOVERNADOR DO ESTADO

INEC LABORATÓRIO NACIONAL  
DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

CONGRESSO LISBOA | LNEC 20-21 NOVEMBRO 2014

Inovação, mudança, processos, práticas e a busca por saber mais para responder a questões concretas, são aspetos que definem ambos os tipos de conhecimento.

O nível de especialização e de aprofundamento do conhecimento é também, e ao contrário do que por vezes se pensa, muito elevado no conhecimento tradicional. Por exemplo, na área da construção tradicional, o número de “artes e ofícios” a ela ligados é indicativo do grau de especialização [3]: havia os mestres construtores, que decidiam sobre a localização e organização da construção e sobre os principais materiais a usar; os mestres pedreiros que tinham competência para executar alvenarias de pedra e construções de pedra em geral; os mestres caleiros eram os responsáveis pela preparação da cal; os mestres estucadores, que executavam os trabalhos de estuque; os mestres escaioladores, responsáveis pelas decorações com massas pigmentadas fingindo pedra; os rebocadores, responsáveis pelos trabalhos de revestimentos exteriores com funções de impermeabilização.

Isto é, os referidos aspetos de inovação, lógica de procedimentos e de nível de especialização, tratam mais das semelhanças entre os dois tipos de conhecimento do que propriamente das suas dissemelhanças. Em que, então, residem as dissemelhanças? As diferenças entre estas duas culturas de conhecimento, todavia, existem e não necessariamente somente se manifestam nos resultados, como se observa no Quadro 1.

**Quadro 1.** Dissemelhanças e semelhanças entre culturas de conhecimento

CONHECIMENTO CIENTÍFICO	<i>Semelhanças</i>	CONHECIMENTO TRADICIONAL
Verdade absoluta até que outro paradigma refute: regra da refutação. Regra da universalidade. É hegemónico. Opera com unidades conceituais / Usa conceitos. Realiza a análise das partes de um todo para compreender o conjunto que as integra. As partes tendem a ser separadas em biofísica, mundo humano e sobrenatural. É codificado, apreendido e reproduzido formalmente.	<i>Um e outro tipo de conhecimento “não passam ao largo dos seus praticantes” [1]. A ciência resulta de um conjunto de práticas, assim como o saber tradicional. Processos e modos de fazer são característicos das duas formas de saber. Tanto o saber científico como o tradicional assenta numa série de práticas, investigações e não somente em acervos estáticos. Ambos os conhecimentos assentam em operações lógicas comuns: “respondem ao mesmo apetite de saber” [1].</i>	A universalidade não se aplica. É mais tolerante, já que pode considerar explicações divergentes “cuja validade entendam seja puramente local: “Pode ser que, na sua terra, as pedras não tenham vida. Aqui elas crescem e estão, portanto, vivas” [1]. Opera com unidades perceptuais / Usa percepções. Opera com qualidades segundas: cheiros, cores, sabores (etc.). Integra a parte e o todo, não havendo separação. Realiza-se a partir de vínculos de continuidade entre os âmbitos biofísico, humano e sobrenatural.



Articulado com a geografia e a cultura local.

É tácito e apreendido através da vivência, e enquadra-se contextualmente em termos de espaço/tempo, geografia/ambiente e de comunidade local.

Fontes para elaboração desta breve síntese: Cunha [1], Duran e Rigolin [4].

## PONTES ENTRE CONHECIMENTOS E CULTURAS CONSTRUTIVAS NA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

No campo da conservação do património arquitetónico está cientificamente comprovado o quão fundamental é a adoção de critérios de atuação que respeitem a reversibilidade e a compatibilidade com os materiais pré-existentes, assim, remetendo para um uso adequado de materiais e de técnicas apropriadas, entre outros critérios e aspetos. Todavia, sabendo-se que para a conservação do património importa aprofundar o conhecimento sobre os processos construtivos e tecnológicos associados aos edifícios históricos, como estabelecer pontes entre conhecimentos quando, por exemplo, ao invés do saber técnico-tradicional operar com conceitos, lógicas de refutação e da universalidade, opera com percepções, qualidades segundas e uma tolerância com explicações divergentes?



Fotos 1, 2 e 3: Preparação e aplicação de argamassa de cal em murete localizado no campus do LNEC por artesãos do Distrito de Beja, conforme *Workshop* sobre “Materiais e Técnicas Tradicionais”, realizado no âmbito do Seminário do Projeto LIMECONTECH – “Conservação e Durabilidade de Revestimentos Históricos: Técnicas e Materiais Compatíveis”, LNEC, 29-30 de maio de 2013.

Quando de um estudo realizado sobre o saber-técnico tradicional relacionado com as tecnologias da cal, os relatos recolhidos junto de artesãos do Distrito de Beja [5, 6], confirmam as questões antes salientadas sobre as lógicas operativas presentes no conhecimento tradicional. A título de exemplo, reproduzem-se abaixo alguns extratos das entrevistas realizadas:

“Tem um tempero que é o dedo: Tem que se cobrir o dedo com a cal, para se sentir se está grossa demais ou se está temperada. Quando o dedo fica tapado e fica carregado não se pode aplicar porque esta cal estala”. (Sr. Paixão – Mestre-de-Obras)

“Quem é que sabe...? Tinha dois rapazes que se foram adaptando, se foram adaptando ...”. (Sr. Manuel – Pedreiro)

“Aprendi com a vida a fazer a cal (...), a minha mãe fazia cal”. (D. Bárbara – Caiadora)



## DE VIOLET-LE-DUC À CARTA DE VENEZA TEORIA E PRÁTICA DO RESTAURO NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

## DE VIOLET-LE-DUC A LA CARTA DE VENECIA TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA RESTAURACIÓN EN EL ESPACIO IBEROAMERICANO

ARTIS INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DE ARTES  
E HISTÓRIA DE BEJA  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE BEJA

INEC LABORATÓRIO NACIONAL  
DE INVESTIGAÇÃO DE  
CIÊNCIAS

CONGRESSO LISBOA | LNEC 20-21 NOVEMBRO 2014

“Homem se for preciso faz, mas não faz com a perfeição que eu faço.” (D. Rosinda – Caiadora)

“Eu gosto de coisas bem-feitas. Eu gosto de fazer à minha maneira”. (D. Bárbara – Caiadora)

“Naquele tempo o reboco era mesmo a olho!” (Sr. Joaquim – Mestre-de-Obras)

“Cal de pote: usa-se misturada com cimento, depois a massa fica mais macia para trabalhar, mas hoje já não se trabalha mais com a cal. Essa mistura é a olho, mas leva mais cimento do que cal”.  
(Sr. Joaquim – Mestre-de-Obras)

Que pontes são possíveis entre conhecimento científico e conhecimento tradicional? Que processos lógicos comuns? Cunha [1], ao citar Evans-Pritchard e Lévy-Strauss, refere que não existem lógicas diferentes, mas sim “premissas diferentes sobre o que existe no mundo”. Isto é, ambos os conhecimentos operam em níveis estratégicos distintos: (1) conhecimento tradicional – mais perceptual e mais ligado às qualidades segundas (ex. ligados aos sentidos – visão, odor, sabor, tato ...); (2) conhecimento científico: opera com unidades conceituais. “É a lógica do conceito em contraste com a lógica das qualidades sensíveis” [1]. Neste sentido, a autora observa que uma das vantagens do conhecimento científico é, em menos tempo, testar e obter resultados em laboratório, aquilo que tradicionalmente foi sendo percebido ao longo do tempo. Enfim, o valor de ambos os conhecimentos reside exatamente na sua diferença e, portanto, na sua possível complementaridade. Mas como, então, estabelecer pontes? Esta questão tem, todavia, gerado algumas controvérsias, nomeadamente em função de casos em que se quer realizar uma validação do conhecimento tradicional a partir do conhecimento científico. Exemplos destas controvérsias são muitos – aqueles ligados ao uso de recursos naturais, pela medicina tradicional, e a produção de fármacos em laboratórios, a controversa relação entre saber ecológico tradicional e científico, etc. Parece-nos, entretanto, que mais do que encontrar uma validação científica para o conhecimento tradicional, nem tão pouco aceitar de forma irrestrita e inquestionável este mesmo conhecimento, o que pode ser fundamental é a sua utilização na compreensão de processos ou mesmo de categorias que ainda não foram decifrados pelo conhecimento científico. No campo da conservação do património, tendo ainda presentes as questões da tão necessária criação de condições de sustentabilidade dos recursos patrimoniais, poderá ainda ter interesse aprender com o conhecimento tradicional, no âmbito da proposição de novas hipóteses de atuação, sendo estas entretanto geradas a partir de conceitos e lógicas procedimentais tradicionais.



Fotos 4, 5 e 6: O uso artesanal da cal em edifícios de aldeias históricas do Distrito de Beja.

Em relação aos extratos de entrevistas referidos acima [5, 6], tal implica interpretar, do ponto de vista científico, as expressões usadas, perceber quais as possíveis lógicas científicas que suportam essas expressões. Por exemplo, a citação que refere-se ao momento em que “(...) quando o dedo fica tapado e fica carregado não se pode aplicar porque esta cal



estala” dá uma ideia clara da importância da consistência da cal e indica que essa consistência condiciona a suscetibilidade à fissuração do revestimento com ela executado. Porquê? Como utilizar esse conhecimento de modo a estabelecer limites de consistência e definir proporções de composição? Esses aspetos podem ser processados e utilizados pelo conhecimento científico.

Neste processo é preciso muito rigor, seriedade e flexibilidade: para registar e analisar as expressões exatas usadas e não partir de ajustamentos dessas expressões a uma linguagem supostamente mais elaborada, mas em que se perdeu o significado inicial; para não derivar para um significado mal fundamentado, porque à partida se julga conhecer a técnica em causa; para considerar e pesar as várias interpretações possíveis e analisar cada uma delas, mesmo que à partida se tenha a tendência para rejeitá-las como impossíveis ou improváveis.

Este processo implica, assim, um grande respeito dos cientistas pelo saber tradicional, mas também a capacidade crítica para “filtrar” as derivações e contaminações de relatos de memória oralmente transmitidos e para selecionar e adaptar a cada caso concreto (será a técnica referida pelo artesão diretamente aplicável ao monumento em intervenção, que tem uma época, um local e um conjunto de influências específico?).

## COMPLEMENTARIDADE ENTRE CONHECIMENTO CIENTÍFICO E TRADICIONAL E O PAPEL DOS “NOVOS ARTESÃOS”

O resultado final de uma intervenção de conservação depende, em grande medida, da execução dos trabalhos, e não apenas da boa escolha de materiais compatíveis e adequados. Assim, a contribuição dos artesãos para a preservação da autenticidade surge como essencial. Van Balen [7] procurou definir o impacto dos vários aspetos, incluindo o trabalho tradicional dos artesãos, nas várias dimensões de autenticidade de cada intervenção, desenvolvendo uma grelha – a *Nara Grid* – que estabelece uma relação entre a abordagem científica de definição de materiais e técnicas com uma abordagem mais multidimensional.

A complementaridade entre conhecimento científico e conhecimento tradicional é facilmente detetável no conjunto de ações a realizar numa intervenção de conservação e restauro de um edifício histórico. O Quadro 2 ilustra, de forma simplificada, essa complementaridade.

**Quadro 2.** Complementaridade de conhecimentos

	CONHECIMENTO TÉCNICO- CIENTÍFICO	CONHECIMENTO TÉCNICO- TRADICIONAL	OUTROS
Aspetos históricos			X
Levantamentos das anomalias	X		
Decisão sobre a estratégia a usar na conservação	X		
Conhecimento dos materiais usados	X	X	
Conhecimento das técnicas usadas	X	X	



# DE VIOLLET-LE-DUC À CARTA DE VENEZA

## TEORIA E PRÁTICA DO RESTAURO NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

# DE VIOLLET-LE-DUC A LA CARTA DE VENECIA

## TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA RESTAURACIÓN EN EL ESPACIO IBEROAMERICANO

ARTIS INSTITUTO DE ESTUDIOS DE ARTE  
E HISTÓRIA DE LISBOA

INEC LABORATÓRIO NACIONAL  
DE INVESTIGAÇÃO CIVIL

CONGRESSO LISBOA | LNEC 20-21 NOVEMBRO 2014

Definição dos materiais e técnicas a usar nos elementos de substituição	X	X	
Execução dos elementos de substituição		X	
Definição das técnicas e materiais de conservação e restauro a utilizar	X		X
Execução das ações de conservação e restauro			X
Manutenção		X	

Além de um primeiro nível de complementaridade bem visível no Quadro 2, que se pode designar como “dividir tarefas”, pode existir um segundo nível, mais subtil, que implica um diálogo mais próximo entre os dois tipos de conhecimento, assim permitindo uma evolução sinérgica. Para esse diálogo é necessário construir uma linguagem comum, que é um processo lento, mas compensador.

Nas tarefas indicadas no Quadro 2 vislumbra-se ainda o papel de um terceiro tipo de ator, que executa as tarefas de restauro, com base no conhecimento científico e na prática, mas também na sensibilidade (aspetos em que se aproxima do saber tradicional): o restaurador. Neste sentido, o restaurador pode ser um “novo artesão”. Mas novos artesãos são também os jovens que incorporam o saber tradicional, transmitido pelos artesãos antigos e o complementam com algum conhecimento académico característico da educação atual, em cursos de formação profissional. Mais uma vez, esta transferência é delicada e está sujeita a “contaminações”, pelo que tem que ser muito bem coordenada.

## CULTURA CONSTRUTIVA E PROCESSOS DE CONHECIMENTO TÉCNICO: NOTAS FINAIS

Para Davis [8] a cultura é “um sistema coordenado de conhecimento, regras e procedimentos que é partilhado por quem participa na atividade construtiva e que determina a forma adoptada por edifícios e cidades” num determinado contexto espaço-temporal. Considerando que esta cultura é um fenómeno coletivo, o autor observa que os “milhares de edifícios diferentes são produzidos através de processos compartilhados, realizados em conjunto pelo conhecimento compartilhado – do que construir e também de como construir – em vez de através de atos individuais de criação”. O processo construtivo – o que as pessoas sabem e como trabalham – seria, assim, o “mecanismo através do qual a cultura do edifício opera para construir o mundo construído”. Este processo é complexo e particulariza-se em conformidade com as especificidades culturais e temporais associadas aos contextos. Mas, em grande plano e segundo o autor, este processo pode ser descrito a partir dos seguintes passos: tomada de decisão de construir, escolha e desenvolvimento dos locais adequados de construção, regulação do carácter construtivo e colocação dos edifícios nos contextos, financiamento, projeto de construção, produção e fornecimento de materiais, construção do edifício propriamente dito, regulação da construção, ocupação, uso e modificação do edifício. Ao que, para compreender este processo, importa considerar a



tecnologia construtiva como um sistema humano, onde as pessoas e os instrumentos estão incluídos, bem como estão associados os resultados e detalhes particulares da construção. Daí que, de forma abrangente, Davis considera que “a cultura de um edifício em si seja, neste senso, um sistema tecnológico – e que, o desenvolvimento de culturas construtivas ao longo da história, realizou-se em conjunto com as mudanças com o que normalmente entendemos como sendo tecnologia” [8].

A cultura construtiva é, em síntese, um complexo processo construtivo, que dá lugar a um específico sistema de construção – de um ponto de vista humano e tecnológico. Um processo que se define através da partilha de um conjunto de conhecimentos técnicos que se alteram no decurso da história. No campo da conservação do património interessa, assim, descortinar o “património de conhecimentos de uma determinada cultura construtiva”, ou seja, descortinar os processos tecnológicos envolvidos com a “tradição construtiva” [9]. Esta premente – e inevitável – constatação coloca-nos perante a necessidade de revelar, entre outros aspetos, um conjunto de procedimentos técnicos e construtivos associados ao conhecimento técnico-construtivo tradicional, até porque muitos edifícios históricos têm por base este tipo de conhecimento e atuação. Mas, ainda no campo da conservação do património, julga-se que interessa não só aprofundar o conhecimento sobre o saber-técnico tradicional, mas também encontrar pontes entre conhecimentos – científico e tradicional. Se aprendermos a pensar o património, em si, como conhecimento, o estabelecimento de pontes entre saber científico e saber tradicional provavelmente nos ensinarão muito sobre como conservar o património arquitetónico e cultural.

## Referências bibliográficas

- [1] CUNHA, M.C. – *Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico*. Revista USP, n. 75, USP, São Paulo, 2007, pp. 76-84. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/75/08-manuelacarneiro.pdf>
- [2] MOROPOULOU, A., A. Bakolas, P. Moundoulas e E. Aggelakopoulou – *Reverse engineering: a proper methodology for compatible restoration mortars*. Proceedings of Workshop Repair Mortars for Historic Masonry, TC RMH. Delft: RILEM, 25-28 de Janeiro de 2005.
- [3] VEIGA, M.R. – *O relacionamento das estruturas de base científica com os artistas dos ofícios tradicionais*. As idades da construção. Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea, IEFP, Lisboa, 2010, pp.:126-139.
- [4] DURAN, M.R.C. e C.C.D. Rigolin – *Os múltiplos sentidos do conhecimento tradicional: um conceito em construção*. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade, vol. 2, 2011, pp. 73-85. Disponível em: <http://www.revistabrasileiradects.ufscar.br/index.php/cts/article/viewFile/140/62>
- [5] MENEZES, M., M.R. Veiga e A.R. Santos – *Técnicas Tradicionais de Revestimentos Históricos Exteriores – Relato de entrevistas com artífices sobre as técnicas tradicionais de revestimentos de cal*. Relatório 223/2012 - DED-NESO/NRI, LNEC, Lisboa, 2012.



DE VIOLETT-LE-DUC À CARTA DE VENEZA  
TEORIA E PRÁTICA DO RESTAURO NO ESPAÇO IBERO-AMERICANO

DE VIOLETT-LE-DUC A LA CARTA DE VENECIA  
TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA RESTAURACIÓN EN EL ESPACIO IBEROAMERICANO

ARTIS  
INSTITUTO DE INVESTIGACOES EM ARTES  
E HISTÓRIA DE VISEU  
CENTRO DE INVESTIGACOES EM LINGUAGENS

INEC  
LABORATÓRIO NACIONAL  
DE ENGENHARIA CIVIL

CONGRESSO LISBOA | LNEC 20-21 NOVEMBRO 2014

[6] MENEZES, M., M.R. Veiga e A.R. Santos – *Oral testimony of artisans as a source of knowledge for the safeguard of historical renders*. Proceedings II International Conference on Oral Tradition: Orality and Cultural Heritage. Évora: 8-10 de novembro 2012, pp. 117-127. Disponível em: [http://dnn.cm-evora.pt/oralities/Portals/0/livro\\_oralidades\\_ENG.pdf](http://dnn.cm-evora.pt/oralities/Portals/0/livro_oralidades_ENG.pdf)

[7] VAN BALEN, K. – *The Nara Grid: An Evaluation Scheme Based on the Nara Document on Authenticity*. APT Bulletin APT bulletin, vol.: 49, issue: 2-3, 2008, pp.: 39-45.

[8] DAVIS, H. – *The Culture of Building*. Oxford University Press, New York, 2006.

[9] MATEUS, J.M. – *A questão da tradio. História da construo e preservao do património arquitetnico*. PARC – Pesquisa em Arquitetura e Construo, vol. 3, Campinas, 2013.  
Disponível em:

[http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_03\\_ID50\\_PARC4v3.pdf](http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_03_ID50_PARC4v3.pdf)